

Ruth First foi a enterrar

N. 23/8/82

Num ambiente de luto e dor, mas ao mesmo tempo de luta e de solidariedade, Ruth First foi ontem a enterrar, no Cemitério de Lhanguene, em Maputo, Centenas de pessoas acompanharam a malograda intelectual, entre os quais altos dirigentes do Partido Frelimo e do Estado moçambicano, do ANC e do Partido Comunista da África do Sul e de outros movimentos de libertação. Familiares da indótila combatente, entre os quais sua mãe, Tillie First, seu marido, Joe Slove, e filhos, Gillian, Shaun e Robjn, estiveram presentes a esta dramática cerimónia.

No funeral, viam-se também representantes do Corpo Diplomático, acreditado em Maputo, e, sobretudo, muitos militantes do ANC e do Partido Comunista da África do Sul, que fizeram do nosso País uma retaguarda do seu combate libertador contra o regime nazi-fascista de Pretória. Nos rostos de muitos dos presentes era patente o reflexo da saudade que deixou a combatente agora aplicada à vida.

Foi há uma semana que Ruth First foi assassinada, num atentado bomba que se registou no Centro de Estudos Africanos da Universidade «Eduardo Mondlane», onde ela exercia desde 1978, a sua actividade de militante revolucionária e dedicada à causa da liberdade.

Esse acto terrorista, em que ficaram feridos o Professor moçambicano Aquino de Bragança, a Dr. Brigett O'Laughlin professora do CEA, e Pallo Jordan, investigador social sul-africano, foi consumado através de uma carta-bomba recebida no Centro de Estudos Africanos, oito dias antes, precisamente quando decorria, na capital moçambicana, a Conferência sobre Ciências Sociais, promovida pela UNESCO.

O acto terrorista, considerado desde logo como mais uma agressão e violação à soberania da República Popular de Moçambique, foi energicamente condenado por Chefes de Estado e de Governo, entre os quais

Ramallo Eanes e Pinto Balsemão, de Portugal, Kenneth Kaunda, da Zâmbia, Aristides Pereira, de Cabo Verde, e Nino Vieira, da Guiné-Bissau, assim como por organizações oficiais e não-oficiais e por forças políticas dos mais diversos quadrantes, em particular as que se encontram no Ocidente ligadas aos movimentos de libertação.

RUTH FIRST

CAIU NO CAMPO DA BATALHA

— Ruth First caiu no campo da batalha, mas ela continuará connosco, teremos sempre presente a sua memória, o seu exemplo de militante consequente pela causa da liberdade — estas as palavras de Marcelino dos Santos, Secretário da Política Económica do Partido Frelimo, ao prestar, em nome do Partido, do Estado e do Povo moçambicano, a última homenagem àquela que, em vida, soube dedicar todas as suas energias à luta contra o «apartheid», pela liberdade dos povos.

Marcelino dos Santos, depois de se referir às qualidades da malograda intelectual comunista, destacou no seu elogio fúnebre que estamos aqui para dizermos em alto que o Povo moçambicano, apesar das constantes agressões de que é vítima pelo regime nazi-fascista da África do Sul, continuará sempre ao lado do Povo sul-africano, na sua luta justa contra o racismo e «apartheid».

Moses Mabhida, Secretário-Geral do Partido Comunista da África do Sul e membro do Conselho Executivo do ANC, usou em seguida da palavra para destacar o caminho percorrido por Ruth First, na sua luta enquanto que militante, e as ameaças de que sempre foi alvo por parte do regime minoritário da África do Sul.

Outras personalidades nacionais e estrangeiras pronunciaram-se também durante a cerimónia, exprimindo o seu sentimento de pesar perante o bárbaro e inesperado desaparecimento da sua companheira de luta, colaboradora e amiga.

Com um grupo coral do ANC e do Partido Comunista da África do Sul, apresentando canções de luta, à última homenagem a Ruth First, que se iniciara cerca das 10 horas, só veio a terminar quando eram sensivelmente 12 horas com entoar a Internacional.

UNIVERSITARIOS MANIFESTAM-SE

Realizar-se-á hoje, em Maputo, com início às 15 horas, no Campo Universitário, uma manifestação de homenagem a Ruth First e de repúdio à escalada de agressão, movida pelo regime racista da África do Sul contra o nosso País.

Na manifestação participam professores, estudantes e todos os trabalhadores da Universidade «Eduardo Mondlane». Esta jornada de luta foi organizada pelas estruturas políticas e administrativas daquele estabelecimento de Ensino Superior.